

INSTITUTO FEDERAL DE SANTA CATARINA

NIKOLLAS ANALIO CASTAGNA SPERANDIO

**PLANEJAMENTO DIDÁTICO COLETIVO:**  
**um estudo de caso em uma escola-piloto do novo ensino médio**

Jaraguá do Sul

2025

NIKOLLAS ANALIO CASTAGNA SPERANDIO

PLANEJAMENTO DIDÁTICO COLETIVO:

um estudo de caso em uma escola-piloto do Novo Ensino Médio

Monografia apresentada ao  
Curso de Licenciatura em  
Física do Câmpus Jaraguá  
do Sul do Instituto Federal  
de Santa Catarina para a  
obtenção do diploma de  
Licenciado em Física.

Orientador: Julio Eduardo  
Bortolini

Jaraguá do Sul

2025

NIKOLLAS ANALIO CASTAGNA SPERANDIO

PLANEJAMENTO DIDÁTICO COLETIVO:  
um estudo de caso em uma escola-piloto do Novo Ensino Médio

Este trabalho foi julgado adequado para obtenção do título em Licenciado em Física,  
pelo Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Santa Catarina, e  
aprovado na sua forma final pela comissão avaliadora  
abaixo indicada.

Local, dia, mês e ano.

---

Prof. Julio Eduardo Bortolini, Me

Orientador

Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Santa Catarina

---

Prof. Cátia Regina Barp Machado, Me

Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Santa Catarina

---

Prof. Luiz Henrique Martins Arthury, Dr

Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Santa Catarina

Dedico esse trabalho a todos e todas docentes  
Que se dedicam à educação  
Que se preparam e se esforçam diariamente  
Para a formação de futuros cidadãos e cidadãs  
Com a responsabilidade e a sensibilidade  
Que a atividade exige.

## **AGRADECIMENTOS**

Gostaria de agradecer a todos os trabalhadores do Instituto Federal que mantém o bom funcionamento desse instituto tão necessário, principalmente os(as) docentes que fizeram parte do meu processo formativo, com quem pude apreender muita coisa, não somente sobre o conteúdo programático formal, mas também sobre integridade e responsabilidade, não apenas para atuação na educação, mas para a vida.

Aos colegas que participaram de trocas de ideias, discussões, trabalhos em grupo e demais atividades, até mesmo interações fora da instituição. Todas essas atividades colaboraram para a formação humana de todos os envolvidos coletivamente.

A participação de projetos e programas educacionais também foi fundamental para a formação de uma concepção aprofundada do trabalho docente e do impacto da educação na sociedade. Meus agradecimentos à Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) pela participação no Programa Institucional de Iniciação à Docência (PIBID) e os respectivos professores coordenadores e orientadores do programa.

Agradeço também aos meus familiares, principalmente minha mãe e meu pai, que durante todo esse processo me deram todo apoio e compreensão necessária, além de, durante toda a vida, me ajudarem a perceber a importância da educação e da educação formal para minha própria formação humana.

## RESUMO

Neste trabalho pretendeu-se investigar a ocorrência de planejamento didático coletivo dentro da área do conhecimento de Ciências da Natureza em uma escola estadual, condição prevista na proposta do Novo Ensino Médio, assim como reconhecer os principais fatores envolvidos na realização ou não dos planejamentos de forma coletiva. Para isso buscou-se investigar em uma escola que passou pelo regime de escola-piloto para o Novo Ensino Médio. A coleta de dados ocorreu através de entrevistas pré-estruturadas com docentes de Física e Biologia e análise do Plano Político Pedagógico da instituição e dos materiais de apoio utilizados pelos docentes para as atividades aqui estudadas, através do trabalho de Demogalski e Silva (2023). Posteriormente a análise dos dados foi feita de forma empírica com caráter qualitativo, levando a reconhecer que as atividades de planejamento coletivo foram realizadas e possibilitaram um regime de trabalho voltado para desenvolver um processo de formação cada vez mais integral, também percebeu-se que foi possível alcançar esse objetivo, e os fatores que mais contribuíram para tal são a concordância com o modelo de trabalho, boa formação e boas práticas docentes, carga horária de trabalho com tempo suficiente para planejamento e colaboração entre agentes escolares.

**Palavras-Chave:** Planejamento Didático Coletivo, Novo Ensino Médio, Educação Integral.

## **ABSTRACT**

In this study, we aimed to investigate the occurrence of collective didactic planning within the Natural Sciences knowledge area in a state school, a condition provided for in the Novo Ensino Médio proposal, as well as to identify the main factors involved in whether or not collective planning was carried out. To this end, we conducted research in a school that underwent the pilot program for the Novo Ensino Médio. Data collection was carried out through pre-structured interviews with Physics and Biology teachers, as well as analysis of the school's Political-Pedagogical Project and the support materials used by teachers for the activities under study, based on the work of Demogalski and Silva (2023). Subsequently, data analysis was conducted empirically with a qualitative approach, leading to the recognition that collective planning activities were indeed carried out and enabled a work model focused on developing an increasingly holistic educational process. It was also observed that this objective was achievable, and the factors that most contributed to it were proper teacher training and good teaching practices, sufficient working hours for planning, and collaboration among school staff.

**Keywords:** Collective Didactic Planning, New High School Model (NEM), Holistic Education.

## **LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS**

BNCC – Base Nacional Comum Curricular

EMITI – Ensino Médio Integral e Tempo Integral

IAS – Instituto Ayrton Senna

LDB – Lei de Diretrizes e Bases da educação nacional

NEM – Novo Ensino Médio

OPA – Orientação para Planejamento de Aula

PNE – Plano Nacional de Educação

PPP – Planejamento Político Pedagógico

## SUMÁRIO

|          |  |           |
|----------|--|-----------|
| <b>1</b> | <b>INTRODUÇÃO</b>  | <b>09</b> |
| 1.1      | Objetivos  | 10        |
| <b>2</b> | <b>SOBRE A EDUCAÇÃO ESCOLAR</b>                                    | <b>12</b> |
| 2.1      | Educação integral e o trabalho docente                             | 12        |
| 2.2      | Contribuições da organização escolar                               | 13        |
| <b>3</b> | <b>METODOLOGIA</b>   | <b>16</b> |
| <b>4</b> | <b>ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS</b>                          | <b>18</b> |
| 4.1      | Formação do(a) docente e experiência de atuação                    | 18        |
| 4.2      | Práticas do planejamento e influência da organização institucional | 19        |
| 4.3      | Direcionamento pedagógico para as atividades de planejamento       | 22        |
| 4.3      | Análise do PPP   | 25        |
| <b>5</b> | <b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b>  | <b>27</b> |
|          | <b>REFERÊNCIAS</b>   | <b>30</b> |
|          | <b>APÊNDICE A – Entrevista pré-estruturada</b>                     | <b>32</b> |
|          | <b>APÊNDICE B – Entrevista com Prof. 1</b>                         | <b>35</b> |
|          | <b>APÊNDICE C – Entrevista com Prof. 2</b>                         | <b>45</b> |

## 1 INTRODUÇÃO

A educação formal é entendida pelo governo nacional como processo fundamental para formação cidadã e preparação para o trabalho, sendo assim é amparada por determinações legais, tais quais a LDB (Lei de Diretrizes e Base para a educação nacional, Lei N°9.394, de 20 de Dezembro de 1996) e PNE (Plano Nacional da Educação, Lei N°13.005 de 2014), inclusive o novo modelo de ensino médio (Lei N° 13.415, de 16 de Fevereiro de 2017). O Novo Ensino Médio (NEM) introduziu a proposta de educação integral e as componentes curriculares foram agrupadas em áreas do conhecimento, contando com tópicos de estudo, habilidades e competências que se inter-relacionam.

Com as atualizações da LDB e implantação do Novo Ensino Médio pela Lei N° 13.415, de 16 de Fevereiro de 2017, ocorreram duas mudanças importantes de se abordar. Uma delas é o agrupamento das unidades curriculares, que antes eram isoladas e passaram a estar agrupadas por áreas do conhecimento, sendo Linguagens e suas Tecnologias (língua portuguesa, artes, educação física, língua estrangeira), Matemática e suas Tecnologias (matemática), Ciências da Natureza e Suas Tecnologias (química, física e biologia), Ciências Humanas (história, geografia, filosofia e sociologia) e Ensino Religioso (facultativo e apenas para o Ensino Fundamental).

Outra mudança é a delimitação de competências gerais da educação básica, que são válidas para todo o período da educação básica, nível fundamental e médio, assim com competências específicas para as áreas do conhecimento, e dentro da área das ciências da natureza há a delimitação de conceitos estruturantes, sobre os quais são determinadas as habilidades específicas que deve se buscar desenvolver no discente através do processo formativo. Isso determina que é preciso haver integração entre os temas das unidades curriculares da mesma área do conhecimento, numa perspectiva de educação integral para o desenvolvimento das dimensões cognitiva, afetiva, social, cultural e econômica dos(as) discentes e também desenvolvimento de habilidades e competências para proficiência da cidadania e preparação para o trabalho (Brasil, 2018).

Diante da adequação a um novo modelo educacional, com novas exigências, é esperado que o modo de trabalho nas escolas se adeque para buscar atender os novos objetivos determinados. Uma forma de se buscar atingir tanto a proposta de

ensino integral quanto trabalhar dentro das competências de uma área de conhecimento, é o trabalho reflexivo e o planejamento coletivo entre docentes da mesma área de conhecimento, interpretação obtida a partir de pontos de vista de diversos autores sobre organização escolar, prática reflexiva auto-crítica e trabalho coletivo em instituição escolar (Born, 2023; Brito, 2006; Fávero, Tonieto e Roman, 2013; Libâneo, 2012; Marques, Moreira e Vieira, 1996; Vasconcellos, 2005, Vasconcelos, 2015).

Diferentes currículos foram adotados por cada estado federal em torno da Base Nacional Comum Curricular (BNCC) e da Lei de Diretrizes e Base da Educação Nacional (LDB, Lei N°9394/96), contemplando as novas determinações do ensino médio, mas desde então até o momento da realização deste projeto a legislação vigente sofreu alterações e posteriormente revogação. Em meio às alterações citadas foi revogado o direito a horas-aula remuneradas para planejamento pedagógico de forma coletiva e por consequência a obrigação institucional para realização de tais atividades, como previstos na primeira resolução da Lei N° 13.415, de 16 de Fevereiro de 2017, além da flexibilização para realização de horas-atividade em ambiente remoto (Senado, 2024), desfavorecendo a troca de informações e interações entre docentes da mesma instituição de forma presencial.

Em Abril de 2023 foi suspensa a implantação do Novo Ensino Médio. Na busca de superar deficiências observadas no NEM, como o condicionamento de estudantes de condições sociais mais fragilizadas a cursarem itinerários formativos de menor complexidade (Senado, 2024), a Lei n°14.945 de Política Nacional de Ensino Médio foi implantada, reelaborando a carga horária e determinações para itinerários formativos, mantendo as áreas do conhecimento, competências gerais e competências específicas trazidas pela BNCC, assim como o Currículos Básicos dos estados.

Pode-se então observar que determinações com vistas a favorecer o trabalho coletivo têm sido suprimidas, mesmo que a BNCC e a LDB ainda considerem o trabalho por área do conhecimento, não isoladamente em cada componente curricular. Nesse contexto julgou-se válido verificar, entre docentes das ciências da natureza, as experiências tidas em relação ao planejamento pedagógico coletivo, com finalidades de investigar situações que envolvem efetivação desse tipo de atividade, realizando paralelos com o grau de formação docente, material de apoio utilizado e iniciativas institucionais para efetivação dessa atividade.

## 1.1 Objetivos

Nessa pesquisa buscou-se, por meio de entrevistas pré-estruturadas, investigar o histórico de atividades de planejamento coletivo por área do conhecimento no contexto de implantação do Novo Ensino Médio.

Para tanto se prestou a:

- Investigar, em uma escola da rede estadual de educação de Jaraguá do Sul se houve planejamento coletivo entre docentes da área ciências da natureza;
- Identificar as iniciativas por parte das instituições para que ocorressem os planejamentos coletivos;
- Identificar materiais norteadores e formativos para execução do planejamento por área;
- Expor e versar sobre dados obtidos a partir de entrevistas realizando paralelos com literatura especializada.

## 2 SOBRE A EDUCAÇÃO ESCOLAR

Para fundamentação da presente pesquisa buscou-se trazer considerações importantes tanto sobre a própria educação integral, proposta no NEM, quanto sobre a organização do trabalho escolar, visto que o tipo de educação proposta e praticada em uma instituição é intimamente ligada ao modelo organizacional da instituição (Libâneo, 2012).

### 2.1 Educação integral e o trabalho docente

A mudança para o NEM, trazendo uma perspectiva de educação integral, mesmo que não emancipatória e ainda pautada por ideologia neoliberal, vem em desencontro com a formação docente pelas universidades nacionais, que historicamente é pautada sob uma perspectiva tecnicista (Fichter et al, 2021). Novas dinâmicas e desafios surgiram, tanto para docentes quanto para a direção das instituições, na preparação de metodologias e dinâmicas adequadas ao novo modelo.

Por muito tempo os cursos de formação docente possuíam praticamente a mesma grade curricular que cursos de bacharelado, por vezes se diferenciavam por incluírem componentes curriculares de pedagogia e ensino ao final do curso, em geral caracterizados por serem tecnicistas e pautado em metodologias tradicionais de ensino (Fichter et al, 2021). Esse modelo de formação docente, que por muito tempo se tem seguido no Brasil, não tem foco em preparar os(as) educadores(as) para uma atuação transformadora, implicando na perpetuação do *status quo* social e de vícios de uma educação bancária (Freire, 1987), comumente traduzida como ensino tradicional.

Os cursos de formação docente são incapazes de preparar esses(as) profissionais para uma atuação que não seja pautada no ensino tradicional ao passo que a própria formação seja pautada por métodos tradicionais (Moreira, 2018). Tais metodologias tradicionais de ensino e avaliação, com valorização na memorização de conceitos e fórmulas e realização de listas de exercícios e provas, que mantêm o foco em desenvolver a dimensão cognitiva, não se demonstram capazes de promover uma educação integral.

A educação integral é uma perspectiva de ensino-aprendizagem que considera as diversas dimensões dos(as) estudantes (cognitiva, afetiva, social,

cultural, econômica), como seres inseridos em um espaço em um tempo determinado (Gonçalves, 2006). A ampliação da carga horária de estudo para tempo integral não implica automaticamente a realização de uma educação integral:

Só faz sentido pensar na ampliação da jornada escolar, ou seja, na implantação de escolas de tempo integral, se considerarmos uma concepção de educação integral com a perspectiva de que o horário expandido represente uma ampliação de oportunidades e situações que promovam aprendizagens significativas e emancipadoras. (Gonçalves, 2006, p. 131).

Dada a imprevisibilidade de situações encontradas no dia a dia escolar, não se pode desenvolver uma metodologia ideal e universal, é necessário que o profissional seja capaz de refletir criticamente sobre sua atuação e aprimorá-la (Brito, 2006; Fávero, Tonieto e Roman, 2013; Marques, Moreira e Vieira, 1996). Somada a percepção de que o trabalho escolar é coletivo e carece de planejamento (Libâneo, 2012), é possível concluir que diálogo, reflexão e o planejamento de caráter coletivo se apresentam como ferramentas essenciais para a superação de situações problema encontradas nas instituições, de forma democrática e plural.

O trabalho escolar, como todo trabalho moderno, necessita ser organizado, um sistema de normas, deveres e direitos perpassa essa atividade e influi diretamente no fazer docente, de acordo com Libâneo (2012). O fazer docente se constitui de práticas que os(as) próprios(as) docentes adotam dentro das quais as escolas propõem e incentivam (ou desincentivam).

## **2.2 Contribuições da organização escolar**

A educação não ocorre espontaneamente. A instituição necessita ser organizada e sendo a educação escolar uma determinação legal, várias de suas características são determinadas nas suas disposições legais, como sua universalidade, seus princípios de funcionamento mais básicos e seus objetivos como instituição de formação humana.

Atualmente o sistema educacional brasileiro autodetermina seu objetivo como sendo a promoção de um ambiente de desenvolvimento de habilidades e competências para proficiência de vida adulta, promovendo assim a preparação tanto para o trabalho quanto para o convívio social e capacidade de

autodeterminação na sociedade (Brasil, 2018), podendo ser diferenciada da educação integral conceituada por Gonçalves (2006) pelo fato de não ser emancipatória no sentido de promover a transformação social. Na busca para alcançar esse objetivo existe a responsabilidade compartilhada entre órgãos legisladores e as instituições que fazem parte do processo.

O trabalho escolar, sendo um processo institucional coletivo, têm certa autonomia sobre o processo de formação que é desenvolvido, justamente por se tratar de formação humana, atendo-se às disposições legais vigentes e promovendo a busca pelos objetivos comuns da educação nacional. Dentro da autonomia das instituições está a responsabilidade pela organização do trabalho, determinada pelo modelo organizacional de gestão e administração. Nesse contexto, a administração é o esforço direcionado a coordenar as funções e trabalho humano, também dos meios materiais e promoção das interações necessárias para o cumprimento da função da instituição (Libâneo, 2012).

Em parceria com o Instituto Ayrton Senna (IAS), E.E.B. José Duarte Magalhães fez parte da iniciativa para promover o Ensino Médio Integral em Tempo Integral (EMITI), essa iniciativa fez parte do projeto EduLab21, no qual foram elencados materiais de suporte para atividade docente, os quais trabalham sobre os temas i) socioemocional; ii) criatividade e pensamento crítico; iii) mundo de trabalho; iv) motivação. Essa iniciativa ocorreu antes da implantação do NEM, os materiais de apoio e orientação para o trabalho docente remanescentes do EMITI foram usados durante o processo de adaptação para o NEM.

A escola é ao mesmo tempo feita para e pelas pessoas e todos têm participação nisso. Portanto, a cultura das pessoas que fazem parte da escola é perpassada pela mesma e ela também forma culturalmente seus participantes. A isso denomina-se cultura organizacional, que é a forma como o funcionamento da escola é influenciado pelas subjetividades e características culturais locais. A cultura da escola e os comportamentos que fazem parte do seu fazer institucional formam o currículo oculto da instituição (Libâneo, 2012), esse referente a moral e valores adotados localmente.

O documento no qual as escolas expressam seus objetivos e valores é o Projeto Político Pedagógico (PPP). Esse documento deve organizar a ação educativa da escola em sua completude e buscar a superação de obstáculos e

dificuldades presentes na comunidade em que atua, de acordo com isso estão Oliveira et al (2014), Vasconcellos (2005) e Veiga (2008).

A elaboração do PPP deve ser feita de forma democrática para que o mesmo direcione para uma educação democrática. Não sendo um documento estático, mas flexível e de constante atualização, de acordo com as necessidades exigidas pela realidade do funcionamento da instituição, é importante que hajam diversos pontos de vista para realização da reflexão sobre essa realidade e identificação de obstáculos, variáveis envolvidas e planejamento de ações para superá-los (Vasconcellos, 2005).

### 3 METODOLOGIA

Esta investigação tem carácter de pesquisa qualitativa pois permeia as cinco características de uma pesquisa qualitativa apresentadas por Yin (2016, p. 7):

1. estudar o significado da vida das pessoas, nas condições da vida real; 2. representar as opiniões e perspectivas das pessoas de um estudo; 3. abranger as condições contextuais em que as pessoas vivem; 4. contribuir com revelações sobre conceitos existentes ou emergentes que podem ajudar a explicar o comportamento social humano; e, 5. esforçar-se por usar múltiplas fontes de evidência em vez de se basear em uma única fonte.

A investigação foi realizada na E.E.B. José Duarte Magalhães no município de Jaraguá do Sul. O público alvo foram professores que atuaram nas disciplinas de Física, Química e Biologia, na área de Ciências da Natureza e suas Tecnologias, durante o período em que a instituição participou do NEM como escola-piloto.

Para dar início à investigação buscou-se realizar um levantamento prévio na escola selecionada, para verificar a viabilidade da pesquisa, pois seria necessário que ainda estivessem nela atuando os mesmos docentes que atuavam no contexto de escola-piloto. Posteriormente, de acordo com informações obtidas a partir desse levantamento, foi possível elaborar e estabelecer uma série de perguntas direcionadas às experiências de realização de planejamento coletivo entre docentes das ciências da natureza, disponíveis no Apêndice I, que serviram para aplicação de uma entrevista, com vistas a atingir os objetivos da pesquisa. Conforme Yin (2016, p. 92), ter um protocolo de ação para realização das entrevistas é prudente pois entende-se que distintos participantes contribuem de formas diferentes. Os diálogos das entrevistas foram gravados em áudio e transcritos e disponibilizados no Apêndice II.

A entrevista teve finalidade de ser aplicada a docentes que fossem efetivos na instituição e tivessem participado do corpo docente durante o contexto de escola-piloto. Contudo, conseguiu-se realizar entrevistas com apenas dois docentes, de Física e Biologia, pois o docente de Química não demonstrou interesse em participar. Como outra fonte de dados, fez-se uma breve pesquisa sobre os materiais norteadores para as atividades de planejamento coletivo, contando com as considerações do trabalho de Demogalski e Silva (2023) sobre os mesmos, contribuindo com uma visão crítica sobre os materiais utilizados.

O tratamento dos dados teve caráter qualitativo. A discussão sobre as experiências relatadas e a importância do planejamento coletivo se baseou nos trabalhos de Fortes et al (2018), Libâneo (2012), Born (2023), Vasconcellos (2005), Vasconcelos (2015). A partir destes autores, elaborou-se três tópicos principais que serviram para tratar as variáveis percebidas no processo, sendo eles: I) Formação do(a) docente e histórico de atuação; II) Prática do planejamento e papel da instituição; III) Direcionamento pedagógico para o planejamento.

## **4 ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS**

Identificar-se-á aqui os dois docentes entrevistados como Prof.1 e Prof.2, tratando-os com o mesmo gênero para fim de preservar suas identidades anônimas. As respostas obtidas de ambos serão trazidas nos tópicos seguintes de forma reelaborada, de modo que promova uma linha de raciocínio lógico, incluindo citações diretas de suas falas.

A coleta de dados deu-se através de entrevistas pré-estruturadas, na qual as perguntas estavam dispostas em três categorias, que servirão também para análise e discussão dos dados, sendo elas: I) Formação do(a) docente e experiência de atuação; II) Práticas do planejamento e influências da organização institucional; III) Direcionamento pedagógico para o planejamento.

### **4.1 Formação do(a) docente e experiência de atuação**

Desde 2006, Prof. 2 atua na instituição, sendo sua formação inicial Licenciatura Plena em Ciências Biológicas e Mestrado em Microbiologia Agrícola e do Ambiente. Prof. 1 leciona desde 2011, com formação em Licenciatura em Física e Mestrado em Ensino de Física. Além de cursos de formação superior, ambos também realizam anualmente cursos de atualização, provenientes de iniciativas da Secretaria da Educação do estado, como proposta de formação continuada.

Ambos são efetivos na instituição e possuem experiência em assessoria escolar. Prof. 1 compôs a assessoria da instituição desde o retorno das atividades presenciais após a pandemia<sup>1</sup> até o ano de 2023; no momento da realização da pesquisa Prof. 2 atuava na assessoria de outra instituição em regime de colaboração, mantendo o contrato de docente efetivo(a) na E.E.B. José Duarte Magalhães, conforme relatou possui experiência de atuação no projeto social Pró-Jovem, atendendo jovens em vulnerabilidade social em Canoas, Rio Grande do Sul, também atuou como docente substituto na Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

---

<sup>1</sup> A pandemia de Covid iniciou em março de 2020 interrompendo as atividades presenciais em escolas, empresas, comércios e quaisquer outros locais que gerassem aglomeração de pessoas. O retorno das atividades presenciais se deu aos poucos a partir de julho de 2021, mas cada escola teve uma experiência diferente.

Nas duas entrevistas foi relatado que em suas formações não tiveram contato com metodologias de planejamento coletivo de nenhuma natureza, nem abordando de forma teórica nem pelas metodologias didáticas aplicadas aos respectivos cursos, corroborando com as concepções trazidas de Fichter et al (2021) e Moreira (2018), tendo primeiro contato com metodologias desse tipo nas atividades de preparação para atuação no NEM, como disse Prof. 2:

A minha graduação, posso dizer que ela já está bem ultrapassada, eu me formei em 2002, então muito distante, não se via. Eu até costumo comentar com os alunos que, como eu vim de uma instituição particular, de uma cidade do interior, a minha graduação foi como se fosse meu ensino médio, então a gente não teve muitas metodologias, era tudo muito tradicional [...]

Essas atividades de preparação incluíram algumas poucas palestras de apresentação das propostas e funcionamento institucional do NEM, e trabalho de planejamento didático pedagógico na própria instituição, além de, no caso da Escola José Duarte Magalhães, materiais de apoio ao trabalho docente remanescentes do projeto EduLab21.

#### **4.2 Práticas do planejamento e influência da organização institucional**

Ambos(as) docentes concordam que houve bom desempenho da instituição e da equipe de coordenação em geral para promoção de um ambiente favorável para realização dos planejamentos por área do conhecimento. Em primeiro momento a equipe de trabalho foi dividida, parte dos docentes participou do projeto escola-piloto para o Novo Ensino Médio, com as séries que iniciaram o primeiro ano em 2018, os(as) demais docentes continuaram trabalhando no antigo modelo com séries que já estavam em andamento. Aqueles(as) que passaram a fazer parte do projeto de escola-piloto em geral o fizeram por afinidade à proposta, conforme relatado.

A coordenação da escola organizou horários especiais para realização da carga horária prevista, sendo especificamente para os(as) docentes no novo modelo, vinte horas semanais em sala de aula e vinte horas semanais para planejamento, buscando fazer com que os docentes de uma mesma área do conhecimento estivessem na instituição ao mesmo tempo para realizar o planejamento, além de ter à disposição, orientação dedicada efetuada pelo cargo de

Supervisor(a) do Ensino Médio, auxiliando em processos burocráticos para efetivação da condição de escola-piloto.

A prática de planejamento por área ocorreu no período da implantação do Novo Ensino Médio, na escola-piloto em questão, e se estendeu até a formatura das turmas iniciadas em 2021 (formadas em 2023), para o trabalho desenvolvido nas turmas iniciadas de 2022 em diante já não era prevista realização de planejamento por área. Durante o período em que houve planejamento por área, diferentes docentes lecionaram nas unidades curriculares de Ciências da Natureza, durante maior parte do tempo participaram Prof. 1 e 2, os que mais colaboraram para o desenvolvimento de uma ementa para a própria área das Ciências da Natureza.

O regime de carga horária durante a condição de escola-piloto determinava metade da carga horária semanal para planejamento (20 horas/aula) e outra metade para atuação em sala de aula (20 horas/aula), tendo a capacidade de desenvolver um trabalho mais dinâmico e integrador. Cabe salientar também que se tinha um maior número de aulas semanais das unidades curriculares de Ciências da Natureza em cada turma (comparado ao momento atual).

Essas mudanças foram vistas pelos docentes como uma valorização do trabalho e de suas capacidades de planejar e aprimorar suas práticas, possibilitando desenvolver um processo de ensino-aprendizagem e formação cidadã mais respeitosa para ambas as partes, docente e discente, “eu costumo dizer para os alunos que a gente aprende muito mais junto do que sozinho, né? Então eu sou uma pessoa assim que o compartilhado tinha que ser sempre, né? Porque ele faz a diferença na vida dos alunos, na nossa vida”, relatou o Prof. 2 ao comentar sobre a maior qualidade de ensino possibilitado pela ação coletiva.

Além da ementa da área do conhecimento e os planejamentos de aulas serem totalmente realizados pelos(as) docentes da área (com auxílio do material de apoio), foram realizados, pelo Prof. 1, planilhas automatizadas e um aplicativo dedicado a facilitar a navegação pelo Currículo Base do Território Catarinense, dinamizando o processo trabalhoso de constante consulta ao documento. Esse fato evidencia a grande responsabilidade cabida aos docentes, ampliada em relação às atribuições anteriores ao novo modelo, mas esse aumento de responsabilidade e trabalho de planejamento não foram tomados como pontos negativos, apenas como consequência de uma maior participação nos processos educacionais, este visto como ponto positivo.

O ponto negativo principal, trazido por ambos, foi a dificuldade de lidar com pontos de vista conflitantes entre um(a) terceiro(a) docente da área de Ciências da Natureza, que não concordava com as mudanças acarretadas pela condição de escola-piloto. Por não realizar a entrevista com tal docente não se pode fazer considerações sobre o seu ponto de vista de se opor ao planejamento coletivo, visto que há formas eficientes de ensino em ciências com componentes curriculares independentes. O(a) mesmo(a) docente pediu remoção da instituição em seguida.

Ambos, Prof. 1 e Prof. 2, afirmaram que possuíam afinidade para trabalhar coletivamente entre si e isso possibilitou a criação de um clima de trabalho favorável dentro das ciências da natureza, de acordo o Prof. 1, “No final das contas, ia muito pela afinidade dos professores, os professores tinham uma boa interação, uma boa conexão de troca de ideias, então, eles procuravam mais trabalhar juntos [...]”. Essa afirmação somada ao comentário de Prof. 2 sobre a dedicação despendida para superação a falta de tempo e espaço em escola para reunião presencial:

[...] porque se não dava na escola, a gente achava uma maneira de se organizar, então, era via Meet, era WhatsApp, documento compartilhado no drive direto, cada um sabia o que cada um tinha que fazer e por onde andava, então, esse que é o bacana.

Permite perceber o alto nível de predisposição e vontade de trabalho necessárias para efetivar práticas pedagógicas integradoras, levando a compreender que a aceitação e empenho dos(as) docentes, em si próprios, podem ser fatores preponderantes para o sucesso do modelo.

A forma de trabalho coletivo não era bem vista por todos os docentes na instituição, devido a diversos fatores aqui não explorados. Essas diferenças entre visões pedagógicas não foram objetivo da pesquisa, portanto não se pode fazer considerações aprofundadas sobre o caráter da resistência ao novo modelo, visto que a BNCC e todos os materiais de apoio utilizados na preparação dos docentes foram desenvolvidos sob perspectivas que não visam a emancipação e transformação social (Fichter et al, 2021)

Esses pontos positivo e negativo trazidos nos parágrafos anteriores, pelo que se pôde entender através de falas ao decorrer da entrevista, estão relacionados à formação dos docentes e as culturas de trabalho docente as quais conhecem e

realizam: “teve professores que se mostraram bastante resistentes, porque a gente, professor, é acostumado cada um na sua caixinha, cada um na sua gaveta, e nós, ainda, do ensino médio, a gente é bem egoísta com relação a isso” (Prof. 2), evidenciando a compartimentação das componentes curriculares e dialogando com Fichter et al (2021) e Moreira (2018). Ambos, Prof. 1 e Prof. 2 responderam sobre suas formações iniciais já salientando que elas próprias se deram por processos de ensino tradicionais e consideram que esses devem ser superados, podendo imaginar que para a formação desse ponto de vista houve colaboração das diferentes experiências educacionais às quais tiveram contato posterior a sua formação inicial, sendo no ensino superior ou na prática docente.

Entre docentes que receberam com bons olhos o novo modelo e docentes que, como comentaram, eram críticos às mudanças, houve conflito de concepções e certa resistência às práticas que não eram tão usuais no antigo modelo (como planejamento coletivo). Não é possível afirmar que esses últimos mantinham tal posicionamento por falta de formação continuada ou experiências educacionais diversificadas, seria necessário maior aprofundamento para explorar essa questão, mas isso não invalida o argumento de que tais elementos colaboram para superação de modelos e práticas tradicionais que há muito já vem sendo criticados (Fichter, 2021; Freire, 1987; Moreira, 2018)

Ainda sobre pontos positivos na prática docente, devido ao aumento de horas-aula remuneradas para planejamento, tornou-se possível docentes atuarem apenas em uma instituição sem comprometer sua renda, possibilitando um relacionamento mais próximo com a instituição e maior foco sobre o processo de ensino-aprendizagem por ele(a) conduzido, evidenciado pela fala de Prof. 2:

Porque quando eu assumi o Novo Ensino Médio, eu abri mão da outra escola para ficar só no Duarte Magalhães, então, também isso facilitou um montão, todos os professores que abraçaram o Novo Ensino Médio deveriam estar como se fosse dedicação exclusiva para o Duarte Magalhães, então, por isso que deu certo [...]

Essas condições de trabalho não são mais possíveis devido à revogação do regime de igualdade entre horas/aula de preparação e horas/aula em sala de aula, acarretando em menos horas/aula de uma mesma componente curricular na instituição, levando a situação de docentes precisarem atuar em mais de uma

instituição, como comentou Prof. 1 “[...] os horários não batem, sabe? Enquanto eu tô de folga, o meu colega de área tá dando aula, ou ele tá em outra escola, tá de folga [...] é tudo não sincronizado [...]”

#### **4.3 Direcionamento pedagógico para as atividades de planejamento**

Os planejamentos eram feitos buscando cumprir o que determina o Currículo Base do Território Catarinense. Como relatado nas entrevistas, os planos de aula de cada disciplina dentro de uma área do conhecimento eram elaborados em torno de um tema comum. Materiais do EduLab21 serviram como base para tal, mais especificamente as Orientações para Plano de Aula (OPA), materiais de apoio desenvolvidos para orientar o trabalho coletivo pedagógico, que auxiliaram na elaboração de sequências didáticas que contemplassem as propostas do EMITI.

Os temas norteadores eram selecionados considerando a realidade imediata da comunidade local, alguns temas citados foram situações de enchente (problema corriqueiro na cidade) e até a pandemia de COVID-19, que foi tema abordado enquanto a mesma ainda acontecia. Em primeiro momento, como relatado por Prof. 1, os temas eram elaborados segundo orientações do OPA “Essas OPA 's, elas traziam quais eram os temas e elas não eram, não traziam temas locais, mas a gente depois poderia afunilar para isso. Se tivesse falando de rios, usaria o rio aqui, assim por diante [...]” (Prof. 1), com o tempo e prática dessa forma de planejamento o processo de determinação dos temas passou a ser mais orgânico e o próprio processo de planejamento foi moldado de acordo com o modo de trabalho dos docentes dentro da área do conhecimento.

O livro didático é um recurso que não estava disponível durante o período imediatamente após a implantação do NEM nas escolas-piloto, apenas no momento em que foi implantado em todas as instituições, em 2022, portanto não fez parte dos planejamentos por área ao qual na entrevista se buscou investigar. Sob julgo de ambos os docentes, os livros didáticos fornecidos então foram percebidos como alheios ao trabalho que já vinha sendo feito na instituição. Antes se usavam livros que abordavam todos os conteúdos possíveis de se estudar em uma unidade curricular e a prática docente em geral era moldada em torno desse material, os

novos livros tendem a abordar alguns tópicos de ciências naturais sob o olhar das três componentes curriculares, mas continuam sendo pouco utilizados por abordar os temas de forma muito rasa para se utilizar em alguma das componentes curriculares isoladamente.

Parte fundamental do planejamento era a reflexão sobre o trabalho que estava sendo desenvolvido por ser uma nova forma de interpretar as disciplinas (como componente de uma área do conhecimento, não mais independentes). Foi reconhecido pelos relatos de Prof. 1 e Prof. 2 que, em acordo com as ideias de Fortes et al (2018), Gonçalves (2006) e Moreira (2018), a atuação planejada coletivamente e pautada na autorreflexão pode servir de base para superar vícios metodológicos e promover uma educação mais integradora e mais bem situada na realidade local, desde de que seja consenso entre participantes de sua validade e importância.

No período em que o planejamento por área era realizado, o andamento das unidades curriculares deveria ser desenvolvido em torno de um tema norteador comum, parte da autonomia das disciplinas se perdeu pelo fato de ser necessário que o andamento das mesmas fosse sincronizado, para que o aprofundamento do tema fosse simultâneo entre as unidades curriculares. Dessa forma seria possível abordar os mesmos fenômenos científicos sob as diferentes perspectivas de cada uma das componentes, elaborar projetos integradores e demais atividades que envolvessem ao mesmo tempo mais de uma unidade curricular, mas para isso era necessária constante comunicação entre docentes de uma mesma área e flexibilidade para manter-se dentro do planejamento.

Ambos docentes consideraram que a experiência em regime de trabalho colaborativo, no que diz respeito a Ciências da Natureza, possibilitou a realização de uma prática mais integradora, aproximando-se de um ensino integral. Ambos observaram que na abordagem de um tema de forma integrada, conforme previam seus planejamentos, os conceitos e objetos do conhecimento eram apreendidos de forma mais eficiente, devido ao maior envolvimento dos estudantes com os temas por diferentes pontos de vista, dessa forma os conceitos eram mais facilmente aprofundados e apreendidos pelos(as) discentes, uma vez que o tema central servia de contexto e estava constantemente presente nas discussões das três unidades curriculares.

Mais especificamente sobre a fundamentação pedagógica do material de apoio utilizado, Demogalski e Silva (2023) apontam fragilidades no que tange a concepção de juventude e preparação para o trabalho e empreendedorismo.

[...] com base na análise sustentada em aporte bibliográfico acerca do tema, os resultados da pesquisa indicam que o conceito de protagonismo juvenil, na perspectiva posta pelo IAS, visa à formação de uma juventude ajustada às demandas de uma configuração do mundo do trabalho marcada pela flexibilização das relações de trabalho, pelo aumento do desemprego formal, e pelo empreendedorismo. Essas características têm sido associadas, na literatura especializada, à configuração atual da sociedade capitalista e a uma forma renovada do neoliberalismo (Demogalski e Silva, 2023, p.3)

O IAS possui, em seu núcleo de pesquisa, uma parceria entre o Ensino Superior em Negócios, Direito e Engenharia (Insper) e a Universidade Belga de *Ghent*, mas não tem associação direta com nenhuma das Universidades nacionais. A temática de Mundo do Trabalho, dentro das temáticas trazidas pelos materiais de suporte do EMITI é notada como proeminente na pesquisa de Demogalski e Silva (2023), que sobre o texto reconhecem e articulam argumentos que apontam para a busca de desenvolver nos(as) jovens habilidades que sejam pertinentes à novas demandas do mercado, com trabalhos intermitentes, altamente terceirizados e que exigem alto nível de adaptabilidade.

Os materiais desenvolvidos pelo IAS justificam-se como sendo desenvolvidos numa perspectiva de neutralidade política, visando preparar a juventude sob uma perspectiva de empreendedorismo, em que o(a) adolescente é empreendedor de si mesmo, e suas habilidades e competências seriam seus ativos para a venda da sua força de trabalho. Entretanto, as autoras Demogalski e Silva (2023), trazem também argumentos a favor da impossibilidade de uma iniciativa educacional como essa ser despolitizada, visto que as mudanças nas dinâmicas de trabalho e políticas trabalhistas que vêm ocorrendo já fazem parte de um contexto político bem determinado e reconhecido que é o modelo de mercado neoliberal. Sendo assim, atuar apenas na preparação técnica para o trabalho é estar conivente com as forças e projetos políticos hegemônicos.

A perspectiva de desenvolver, na educação básica, habilidades para a adaptabilidade ao mercado de trabalho, entendendo essas habilidades como sendo ativos para valorização da mão de obra, levam a crer que em certo nível pode-se compreender que esse modelo dá brechas para perpetuação de uma educação

bancária. Diferente da educação bancária conceituada por Freire (1968), em que se busca o acúmulo de informações de forma acrítica por parte dos(as) jovens, o modelo trazido pelo IAS busca desenvolver habilidades e competências como ativos (portanto cumulativos) para valoração da mão de obra, também de forma acrítica, ambos buscando a manutenção do *status quo*, podendo talvez ser interpretada com uma forma mais atualizada da primeira. O protagonismo que se promove desenvolver nos jovens é o de ser responsável por todas as esferas da sua vida, vista a tendência política de cada vez menor participação do Estado em políticas públicas de desenvolvimento e bem estar social e também as novas demandas de mercado que acarretam contratos de emprego voláteis.

### **4.3 Análise do PPP**

O PPP da instituição preconiza uma educação integral, focando na formação humana e desenvolvimento de autonomia para proficiência da cidadania e por consequência a transformação do meio social. A educação é tida como fundamental para formação de cidadãos(ãs) capazes de discernimento crítico e ação transformadora, formando bases para uma sociedade mais consciente e cidadão mais atuantes no seu meio.

Faz parte das considerações do PPP o entendimento dos(as) estudantes como pessoas pertencentes a um tempo e um local específicos, respeitando suas potencialidades e dificuldades, devendo pautar o processo educativo de acordo com as necessidades impostas às realidades dos(as) estudantes e da comunidade. Para tanto, uma abordagem de ensino integral, no mesmo sentido trazido por Gonçalves (2006), é adotado pela instituição como forma de superação de uma educação tecnicista e busca de desenvolvimento de um processo formativo mais humano e emancipatório.

Tendo em vista as fragilidades apontadas sobre a fundamentação pedagógica do projeto EMITI e os relatos de experiência obtidos nas entrevistas, pode-se reconhecer que os fatores mais preponderantes para o bom andamento, nesse caso, tenham sido: 1) Predisposição e capacidade dos(as) docentes de encabeçar o projeto, (que, entre muitos fatores, estão relacionados à aceitação do modelo, formação e continuada e caráter de auto reflexão de suas práticas); 2) Carga horária satisfatória, tanto para atuação em sala quanto para planejamento; 3) Colaboração

entre equipe docente, equipe diretiva e equipe pedagógica para bom andamento do projeto e fundamentação pedagógica para tal, considerando as determinações do PPP.

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A mudança para o Novo Ensino Médio pela Lei Nº 13.415, de 16 de Fevereiro de 2017 em todo território nacional foi precedida por um projeto de escolas-piloto, no qual seria implementado o sistema de ensino integral em tempo integral em escolas que se propusessem a tal. Uma nova forma de se tratar as componentes curriculares foi adotada, deixando de serem disciplinas independentes para serem agrupadas como componentes de diferentes áreas do conhecimento, desenvolvendo-se de maneira integrada, o que implica na condição de trabalho coletivo entre docentes das disciplinas de uma mesma área do conhecimento.

A presente pesquisa se ocupou de investigar mudanças ocorridas no trabalho docente decorrentes de mudanças nos componentes curriculares, na E.E.B. José Duarte Magalhães, no contexto de escola-piloto para o NEM, com foco no planejamento coletivo, considerando a formação dos(as) docentes envolvidos, organização institucional, práticas do planejamento coletivo e materiais de apoio. A pesquisa se deu por entrevistas pré-estruturadas aplicadas a dois docentes da área de ciências da Natureza, em anonimato, para obtenção de dados, discutidos à luz de literatura especializada.

Durante um tempo a condição de trabalho coletivo por área do conhecimento foi alcançada, mas sucessivas mudanças nas disposições legais do NEM colaboraram para que, aos poucos, o modo de trabalho se modificasse, atualmente ocorrendo quase que sem distinção em relação a forma como ocorria antes do EMITI e do NEM. A mudança da forma de trabalho em si não se demonstrou preponderante para melhoria da educação praticada, visto que a aceitação entre os docentes não foi geral e os materiais de apoio não eram capazes de superar a visão neoliberal e oferecer uma educação emancipatória, atritos ocorreram entre docentes com pontos de vista opostos diante da situação, sendo o sucesso das práticas, como relatado, proporcionado pela capacidade dos próprios docentes envolvidos.

Segundo as entrevistas, o modelo de trabalho coletivo que se pôde alcançar no período em que a instituição era escola-piloto do NEM foi favorável ao desenvolvimento de uma prática educacional integradora, especificamente na área do conhecimento de Ciências da Natureza. Com a descontinuidade de tais condições de trabalho se tornou inviável realizar as mesmas práticas e processo de ensino-aprendizagem, o que foi considerado desfavorável pelos entrevistados por

ambos possuem visão pedagógica alinhada com a prática de planejamento coletivo.

É importante a consideração de que a BNCC apresenta fragilidades no que diz respeito a não propor uma superação radical de modelos tecnicistas e também o material de apoio adotado, desenvolvido pelo IAS dentro de uma perspectiva de educação integral, que sendo inconsistente na concepção de juventude e protagonismo defendidos e voltada para o empreendedorismo, em uma perspectiva de perpetuação de ideologias neoliberais nocivas, ao considerarem mais as necessidades de empregabilidade do que de desenvolvimento social, é incapaz de fornecer subsídios para desenvolvimento de uma educação emancipatória (Demogalski & Silva, 2023), e dentro do contexto estudado serviu como suporte técnico aos processos de planejamento coletivo.

O quanto o sucesso das práticas desenvolvidas remete ao material de apoio não pode ser mensurado na presente pesquisa, merece um estudo mais aprofundado. No discurso dos(as) docentes durante as entrevistas pôde-se perceber que ambos utilizaram os materiais desenvolvidos pelo IAS focando nas suas potencialidades técnicas, com forma de melhor instrumentalizar o modelo que se propunha inserir, pautando mais o direcionamento pedagógico a partir de suas próprias concepções, advindas da formação e experiência docente de ambos(as).

Vale considerar o que é determinado no PPP como fundamentos pedagógicos e objetivos quanto a formação dos(as) estudantes, o foco no desenvolvimento de um trabalho capaz de oferecer uma formação cada vez mais humana, considerando a condição dos(as) estudantes de seres humanos completos e reconhecendo a diversidade em suas dimensões constituintes, para que sejam capazes da proficiência da cidadania e do pensamento crítico. Por mais que o PPP se alinhe às práticas realizadas pelos docentes entrevistados, não é possível mensurar a influência do PPP na realidade cotidiana da instituição e dessa situação específica, mas de certa forma o documento tende a evidenciar parte da cultura organizacional da instituição, o que vale considerar. Seria necessário um aprofundamento maior e mais detalhado sobre o tema para mais considerações.

Pode-se considerar que a proposta de planejamento coletivo foi efetivada na instituição E.E.B. José Duarte Magalhães, durante o período em que foi escola-piloto para o NEM, incluindo o período em que as atividades letivas ocorriam de forma remota (entre 2020 e 2022), devido a pandemia de COVID-19, e durante esse

processo foi possível realizar um trabalho educacional de caráter integral. Os principais fatores que contribuíram para tal foram: 1) Predisposição e capacidade dos(as) docentes para desenvolverem um trabalho integrador, (que, entre muitos fatores, estão relacionados à aceitação do modelo, formação continuada que tiveram ao longo da carreira e o caráter de auto reflexão em suas práticas); 2) Carga horária bem dividida entre atuação em sala e planejamento; 3) Colaboração entre equipe docente, equipe diretiva e equipe pedagógica para bom andamento do projeto.

Por fim, é possível dizer que nessa instituição em específico, dentro da área da Ciências da Natureza, o regime de trabalho docente adotado no período em que era escola-piloto possibilitou aos docentes, além de fazer com que se sentissem mais valorizados em suas atividades, desenvolvessem um trabalho educacional de maior qualidade sob o prisma do ensino integral proposto na BNCC, que por sua vez não visa superar a educação com foco neoliberal e pouco crítica. Ao fim do período de escola-piloto houve gradativas mudanças no regime horário de trabalho, retornando a uma situação muito próxima ao que se experienciava antes da mudança para o novo modelo.

## REFERÊNCIAS

BRASIL. Ministério da Educação. Base Nacional Comum Curricular. Brasília, 2018

BORN, Camila Cristina, Planejamento coletivo de uma sequência didática sobre eletricidade usando a abordagem STEAM à luz da BNCC. **Repositório Institucional Instituto Federal de Santa Catarina**. Trabalho de conclusão de curso. Jaraguá do Sul 2023. Disponível em: <https://repositorio.ifsc.edu.br/handle/123456789/2810>. Acesso em 21 de Março de 2024.

BRITO, Edna Antonia. O significado da reflexão na prática docente e na produção dos saberes profissionais do/a professor/a. **Revista Iberoamericana de Educación**, v. 38, n. 7, 2006. DOI: 10.35362/rie3872605. Disponível em: <https://rieoei.org/RIE/article/view/2605>. Acesso em: 9 ago. 2024.

DEMOGALSKI, Tiffany; SILVA, Monica Ribeiro da. O INSTITUTO AYRTON SENNA E A REFORMA DO ENSINO MÉDIO: uma análise dos materiais produzidos para o Ensino Médio Integral de Tempo Integral (EMITI) em Santa Catarina. **Revista Exitus**. v. 13, n.1. DOI: 10.24065/2237-9460.2023v13n1ID2216

FÁVERO, A. A.; TONIETO, C.; ROMAN, M. F. A formação de Professores Reflexivos: a docência como objeto de investigação. **Educação**, [S. l.], v. 38, n. 2, p. 277–287, 2013. DOI: 10.5902/198464445483. Disponível em: <https://periodicos.ufsm.br/reeducacao/article/view/5483>. Acesso em: 9 ago. 2024.

FICHTER FILHO, G. A.; OLIVEIRA, B. R. de; COELHO, J. I. F. A trajetória das Diretrizes Curriculares Nacionais para a formação docente no Brasil: uma análise dos textos oficiais. **Revista Ibero-Americana de Estudos em Educação**, Araraquara, v. 16, n. esp.1, p. 940–956, 2021.

FORTES, Maria Auxiliadora Soares.; ARAÚJO, Osmar Hélio Alves.; ARAÚJO, Maria Evelyana Alvez de.; RIBEIRO, Luís Távora Furtado. Planejamento na prática dos professores: entre a formação e as experiências vividas. **Revista Internacional de Formação de Professores**, Itapetininga, v. 3, n. 2, p. 315–324, 2018. Disponível em: <https://periodicoscientificos.itp.ifsp.edu.br/index.php/rifp/article/view/399>. Acesso em: 4 jul. 2024.

FREIRE, Paulo. Pedagogia do oprimido, 17a. ed. Rio de Janeiro, **Paz e Terra**, 1987. Disponível em: [http://www.letras.ufmg.br/espanhol/pdf/pedagogia\\_do\\_oprimido.pdf](http://www.letras.ufmg.br/espanhol/pdf/pedagogia_do_oprimido.pdf). Acesso em 4 de Julho de 2024.

GONÇALVES, Antonio Sérgio. Reflexões sobre educação integral e escola de tempo integral. **Cadernos Cenpec** | Nova série, v. 1, n. 2, agosto de 2006. ISSN 2237-9983. Disponível em: <https://cadernos.cenpec.org.br/cadernos/index.php/cadernos/article/view/136/168>. Acesso em: 22 de Março de 2024.  
doi:<http://dx.doi.org/10.18676/cadernoscenpec.v1i2.136>.

OLIVEIRA, Maria Auxiliadora Monteiro, et al. Gestão educacional: novos olhares, novas abordagens, 10 ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014

POLÍTICA NACIONAL DE ENSINO MÉDIO. gov.br, 2024. Disponível em:<https://www.gov.br/mec/pt-br/politica-nacional-ensino-medio>.

VASCONCELLOS, Celso dos Santos. Planejamento: Projeto de ensino-aprendizagem e projeto político-pedagógico, 24 ed. São Paulo: **Libertad**, 2005, vol. 1.

VASCONCELOS, Dorvalina Maria Maciel de. Gestão Democrática de uma Escola Pública numa visão integrada dos participantes no Conselho Escolar. Lisboa, Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias – **Instituto de Educação**, 2015.

VEIGA, Ilma Passos Alencastro Veiga. Projeto Político Pedagógico: uma construção possível, 24 ed. Campinas, SP: Papyrus editora, 2008.

SENADO. Senado notícias. Ensino médio pode passar por nova reforma em 2024. 2024, disponível em:  
<https://www12.senado.leg.br/noticias/materias/2024/01/17/ensino-medio-pode-passar-por-nova-reforma-em-2024>. Acesso em 22 de março de 2024.

YIN, R. K. Pesquisa qualitativa do início ao fim. Porto Alegre: **Penso**, 2016..

## **APÊNDICE A – Entrevista pré-estruturada**

### **SOBRE O(A) DOCENTE E SUA FORMAÇÃO**

1. Leciona há quanto tempo?
2. Quanto tempo atua na instituição? É efetivo(a)?
3. Atua em outras instituições?
4. Quais cursos de formação para educação já realizou? (formação inicial, especialização, pós, mestrado, doutorado...) Em quais instituições?
5. Você teve contato com metodologias de planejamento coletivo durante sua formação? Tanto como discente quanto com o estudo teórico da mesma

### **PRÁTICA DO PLANEJAMENTO E ORGANIZAÇÃO INSTITUCIONAL PARA TAL**

1. Participou de atividades de planejamento coletivo? Por quanto tempo?
2. De parte da instituição, houve mobilização para facilitar os encontros e o próprio planejamento?
3. Em que horários eram feitas as atividades de planejamento? eram horas-aula remuneradas?
4. Havia algum tipo de mediação nos planejamentos?
5. Durante o tempo que houve planejamento coletivo foram sempre os mesmos professores dentro da área do conhecimento?
6. Nesta instituição (Duarte Magalhães) é possível organizar momentos e espaço para planejamento coletivo presencial com professores de uma

mesma área do conhecimento? O que, na sua visão, favorece ou desfavorece essa situação?

7. Quais pontos positivos e negativos notados no planejamento coletivo e quais as dificuldades para realizá-lo?

## **PLANEJAMENTO PEDAGÓGICO**

1. No Currículo Base catarinense há uma série de tópicos de estudo sugeridos, além de habilidades e competências específicas da área do conhecimento que devem ser atingidas pelos(as) discentes. Como esse documento foi encarado em um momento de replanejamento das disciplinas?
2. Como eram selecionados os temas norteadores? Eram selecionados com alguma perspectiva de superar dificuldades pertinentes à instituição?
3. O livro didático teve alguma influência no processo de planejamento?
4. Houveram mudanças com relação a concepção da própria disciplina dentro da área do conhecimento? (No sentido de sofrer mudanças significativas no método como cada uma das disciplinas eram trabalhadas anteriormente)
5. Os temas norteadores trabalhados dentro da área de Ciências da Natureza é o mesmo trabalhado pelas demais áreas do conhecimento?
6. Nesses encontros eram planejadas, além da temas transversais, atividades complementares? (planos de aula, pesquisas, projetos integradores...)
7. Além de planejamentos eram realizadas atividades voltadas à reflexão do andamento das unidades curriculares?
8. Ao seu ver, a implantação do Novo Ensino Médio e as atividades de planejamento que ocorreram, de alguma forma colaboraram para uma

educação mais integral? (integral que considere as diversas dimensões dos(as) estudantes: cognitiva, afetiva, social, cultural, econômica)

9. Gostaria de comentar algo a mais que considere pertinente ao tema?

## **APÊNDICE B – Entrevista com Prof. 1**

**Há quanto tempo leciona, há quanto tempo você tem?**

Desde, eu vou falar, há nove anos.

**E quanto tempo está nessa instituição?**

Desde, acho que seis anos nessa escola, no estado, sempre no estado.

**Sempre como efetivo?**

Não, como efetivo desde 2020, acho que foi quatro anos.

**Só nessa escola você trabalha?**

Atualmente só, só aqui.

**Quais cursos de formação para educação já realizou? Incluindo formação inicial, especialização, pós, e quais instituições?**

Eu me formei em Licenciatura em Física, na UDESC, na UGV. Eu fiz mestrado em ensino de física na UFSC. Depois os cursos de formação do próprio estado, que tem a formação continuada, início, metade e final do ano normalmente, durante o ano eles vão propor outros cursos. Hoje mesmo, propuseram mais cursos pra fazer, mas esses durante o ano são pra quem quiser fazer, os do início é pra todos.

**E quais são, que tipo de curso são esses? E quem oferece esses cursos?**

Quem oferece é o próprio estado, a Secretaria de Educação. Aí são diversos, no início do ano, por exemplo, a gente teve um sobre inteligência artificial, sobre metodologias ativas, essas coisas que se vê muito na educação.

**Teve contato com metodologias de planejamento coletivo durante sua formação, tanto como docente quanto como discente?**

Planejamento com outro, por área, você quer dizer assim, planejamento coletivo?

**Isso, planejamento coletivo.**

Não tivemos formação na graduação, sobre coletivo não, e aqui, quando começou o ensino médio, a gente participou de formações que tratavam justamente sobre isso. Na época, nós tínhamos até umas apostilas que instruíam como fazer isso, que é proveniente do OPA, tinha algum outro que era o EMITI, Ensino médio, acho que é integral, ensino integral o T eu não sei o que que era, não era técnico eu acho. Mas enfim, existia um EMITI no qual eu não participei, antes de mim. Quem ajudava era o Instituto Ayrton Senna, que entrou em parceria com o Estado, e eles já vinham com essa ideia de planejamento coletivo, e isso antes do novo ensino médio, aí veio o novo ensino médio com essas formações que já provinha do EMITI. A gente teve formação inclusive com o Instituto Ayrton Senna, sobre como fazer esse tipo de planejamento. O planejamento foi lá em Florianópolis, inclusive, e a partir dali começou esse negócio de planejar por área de conhecimento e depois integrando as áreas.

E depois, meio que foi caindo tudo por terra, já havia sido planejado, não gostaram, decidiram não fazer. Enfim, entrou em extinção. Então houve um tempo de planejamento, foi aplicado esses planejamentos, mas depois... foi uns dois anos, acho que foi, dois mil e dezenove, vinte, daí veio a pandemia, ficou tudo ruim. Vinte e vinte e um. Que aí finalizou, foi sucumbiu, foi finalizado, entraram novas... modificações, até que foram tirando e tirando, e hoje está bem diferente do que foi quando tivemos aquela formação.

**Participou de atividade de planejamento coletivo, e por quanto tempo? E quem participava dos planejamentos?**

Eu participei nesses dois anos ali, dois mil e dezenove, dois mil e vinte, na pandemia e vinte e um. E daí, as turmas que começaram em vinte e vinte e um, no momento que elas saíram, ainda se realizava o planejamento coletivo em cima do trabalho delas. Aí, nesse período eu trabalhei com planejamento coletivo por área e tal.

**Com professores da mesma área de conhecimento?**

Isso, e integradores de área também. Então nós tínhamos planejamento por área, que era só de ciência da natureza, mas também tinha vezes que a gente integrava com outra área, a gente fazia um projeto maior.

**Mas com todas ou com algumas?**

Não, com algumas. Então, envolvia, por exemplo, física, química e biologia, com sociologia, que é das humanas, com arte portuguesa, que é das linguagens, então acabava misturando outras em um projeto maior. Mas não quer dizer que se envolvia a sociologia que pegaria todas as humanas, pegavam outras. Enfim, eu acho que ia mais. No final das contas, ia muito pela afinidade dos professores, os professores tinham uma boa interação, uma boa conexão de troca de ideias, então, eles procuravam mais trabalhar juntos. Dois professores que quase não se conversavam, quase não se encontravam aqui por causa dos horários, os professores trabalhavam um pouquinho em outra escola, um pouquinho aqui nessa, então não havia muito trabalho em conjunto porque quase não se encontravam muito, sabe?

**E da parte da instituição, houve mobilização para facilitar os encontros? E alguma mobilização para facilitar até o planejamento em si?**

Sim, o horário era especial, inclusive, procurava-se deixar os professores da mesma área com aula...primeiro, nós tínhamos as aulas que eram para reunir mesmo o pessoal da mesma área, então nós estávamos sendo pagos para naquele horário estar junto mesmo, então é como se tivéssemos aula todos ao mesmo tempo com a mesma turma.

**Era remunerado o planejamento?**

Sim. Primeiro foi assim, depois, quando foi caindo essas coisas por terra, o que nós ficamos foi tendo aulas, atividades, como se tem hoje também, mas ainda com a obrigação de fazer o planejamento por área. Então, a diretora que trabalhava, não é a que está hoje, mas a que trabalhava aqui na época, ela trabalhava com os horários para que os professores da mesma área pudessem folgar, não folgar não, não estar com turma ao mesmo tempo para que eles pudessem se encontrar. Então, como agora, eu tenho aula atividade, se fosse naquela época outros professores, de biologia e de química, também estariam em aula atividade para a gente poder conversar e planejar.

**E, nesse ponto, essas horas/atividades não eram remuneradas para o planejamento?**

É, sim.

**Elas são remuneradas também?**

São, a gente está ganhando como aula de planejamento, só que atualmente elas são aulas de planejamento e também são aulas de pesquisa, só que atualmente elas são aulas de planejamento individual. Então nós tínhamos as individual, mais as que nós temos hoje, e mais uma quantidade específica para trabalhar em área. Hoje, para eu ter a mesma carga horária que eu tinha naquela época, eu tenho que dar aula para alunos, com os alunos presentes, naquela ocasião, eu tinha a mesma carga horária que eu tenho agora, mas tinha menos tempo em sala de aula com os alunos, tinha mais tempo para o planejamento.

**Havia algum tipo de mediação nos planejamentos? Alguém que coordenava ou que avaliava as ideias? Que não fossem ideias de vocês? Alguém de fora? Alguém da coordenação?**

A pessoa não dava ideia do que fazer, mas ela estava ali para ajudar, era supervisora do ensino médio, e ainda existe, não é a mesma que está agora, mas na ocasião tinha uma outra que era a supervisora do ensino médio, que estava ali para auxiliar nesse quesito. Quando eu estava na assessoria, eu também ajudava por ter sido parte dessa parte do novo ensino médio. Eu também, como assessor, também ajudei, mas foi uma época muito curta, quando eu já estava acabando. Mas quase não...

**Durante o tempo que houve o planejamento, foram sempre os mesmos professores dentro da área do conhecimento?**

Sim.

**Foram sempre os mesmos professores?**

Sim. Mudou, a professora de biologia mudava, todo ano muda.

**Então você ficou...**

Eu estava, eu e a professora de biologia ficamos. A professora de química mudou e aí vieram ACT's. Tudo ano era um. De química todo ano era um, mas física e biologia era sempre. Dentro da nossa área, dos outros, que eram mais componentes por área e menos efetivos, então mudava bastante isso.

**E tu acha que isso foi benéfico? Você e a professora de biologia ficarem durante mais tempo nesse planejamento diário? Isso foi benéfico ou não faria diferença?**

Eu acho que ocorreria bem mesmo se fosse professores da ACT's. Eu acho que acontece igual... Eu te falei antes sobre o planejamento, sobre a afinidade, eu e o professor de biologia, nós tínhamos uma boa convivência, nós éramos muito amigos e somos ainda, então o planejamento para nós foi benéfico que sempre estávamos juntos. Mas eu acho que isso ocorre de escola para escola com professores e professores, porque na teoria planejar junto se leva em consideração um profissionalismo perfeito, porque eu sou um profissional e você é outro, nós trabalhamos juntos independente se gostam de você ou não. Mas na prática, e eu digo isso porque eu vi isso muito como assessor, vi que professores que não têm uma boa convivência não conseguem condenar bem.

Então quando você tem dois professores efetivos que se dão bem, eles permanecem e faz bem. Se você tem professores que não se dão bem, é melhor mesmo que troque, porque daí vem outro que pode ser que dê tudo certo, então se ficar trocando e aí der um *match* ali, aí vai bem. Mas então o que a gente pode ter assim é... o planejamento ideal que acontece na prática funciona nesse estilo, de você ter o profissionalismo perfeito, mas o real, ele tem essa interferência aí, essa resistência ao diálogo, tipo: eu não quero muito contato, mas vamos lá, vamos fazer o que tem que fazer, mas não quero ter muito contato, só quero o que acabe, sabe?

**Agora, no momento presente, é possível organizar momentos e espaço para planejamento coletivo presencial com professores da mesma área de conhecimento? O que na sua visão favorece ou desfavorece essa situação?**

Eu acho que não. É difícil.

**Agora é difícil organizar?**

Presencial, muito difícil.

### **Mas o que que desfavorece?**

O que desfavorece é o fato de a gente ter muitos professores indo pra lá e pra cá, de uma escola pra outra, com pouco horário comum pra fazer esse planejamento, então, o que dá pra fazer hoje em dia é que a gente... é muito difícil, não é que é muito difícil, mas são raros os casos que os professores fazem assim, de um trabalho interdisciplinar, né? Mas eu acho que quando acontece, acontece pelo planejamento. O planejamento, tem um arquivo lá, vamos fazer, se conversa pelo whatsapp, mas presencialmente, vamos fazer o planejamento, vamos fazer isso aqui, acho que é muito difícil quando isso acontece, porque os horários não batem, sabe? Enquanto eu tô de folga, o meu colega de área tá dando aula, ou ele tá em outra escola, tá de folga, mas tá em outra escola, sabe? Então é tudo muito não sincronizado pra que faça presença, mas daria pra fazer online, se quisessem.

Outra coisa também que eu acho que vale falar, Niko, é sobre planejamento presencial, planejamento por área, ele requer mais tempo de aula, assim, sabe? Então vamos supor que eu vou ensinar as leis de Newton. Se eu tiver que lecionar as leis de Newton de uma forma que eu sou independente, eu sigo o meu caminho, faço acontecer dentro do tempo da turma e assim vai, quando eu trabalho com outra área, com outro componente junto, a gente vai equilibrando, se uma ponta tá mais na frente, a gente dá uma freada pra outra alcançar, e vai que vai, né? A gente dá um bom resultado, dá, fica legal, fica, mas quando a gente fazia isso, nós tínhamos mais aulas semanais. Hoje eu tenho uma aula semanal só, uma aula de física semanal, então se eu fizer o meu trabalho independente e acelerar muito, eu consigo ensinar muito menos do que eu ensinava naquela época, porque não é simplesmente metade, agora eu tenho uma aula, então eu vou ensinar metade do que eu ensinava antes.

Ainda tem o fator que se eu ensino uma coisa para o aluno esta semana e eu não tenho mais uma aula, só na semana que vem, na semana que vem ele não sabe mais nem o meu nome, não sabe nem qual é a mão que ele escreve, se é direita ou esquerda, então na próxima aula eu vou ter que fazer uma revisão, recapitular tudo o que ele já esqueceu para daí ele engrenar, sabe? Se torna uma aula muito inerte, e aí então tu chega a ter um desperdício de tempo, assim, né?

Então se tu quisesse fazer um trabalho numa situação que só tem uma aula por semana ainda, sabe? Fica menor ainda o tempo que tem para os alunos.

Claro que a gente tem que sempre pensar naquela coisa assim, ah, o que valoriza, o que a gente tem que valorizar é qualidade, né? Um trabalho por área vai ter mais qualidade, tudo bem, eu concordo, tem que ter qualidade, mas se chegar no final do ano e tu ensinou com qualidade só meia dúzia de coisa, também não dá certo, sabe? Então o ano que vem isso vai estragar a qualidade do ano que vem. Então bate, beleza, que ensinou muito bem, o que tem que fazer, aí o ano que vem, se tu não tiver aí, o que tu vai fazer no final do ano, final do ensino médio, ele aprendeu, sabe, cinco por cento daqui.

**Então no momento que está agora é mais importante ter mais tempo de aula do que planejar por área?.**

Eu acho que sim, de que trabalhar em área.

**Tá, um pouco sobre o currículo básico catarinense. Ele tem todas as competências específicas, as temáticas sugeridas, né? E como que foi levado em conta essas determinações dele, como que elas foram levadas em contas no planejamento? Vocês seguiam o que era sugerido e tentavam atender aquelas habilidades competências que deveriam se desenvolver, ou vocês meio que já tinham ideia do que fazer e talvez não se ateram tanto ao documento?**

Não, claro, claro. Então a gente tinha o nosso caminho, na época quando a gente começou a criar a gente tinha uma coisa que era chamada de OPA, Organização de Planejamento por Área de Conhecimento, então, lá tinha uma sequência para trabalhar por área, tinha um guia com uma apostila que poderia trabalhar por área nos três anos.

**Isso foi fornecido pela Secretaria do Estado?**

Sim, mas foi uma sobra do EMITI. O que sobrou do EMITI veio para o novo ensino médio. Só teve um ano, acho que foi isso, daí eu criei um aplicativo até ,na época eu criei um aplicativo para a escola, onde tu tinha acesso às versões digitais daqueles, das OPAs. Ficamos dois anos usando esse aplicativo para ter acesso e

usar aquilo, então aquele planejamento ali, a gente seguiu aquilo ali e se encaixava sempre com os objetos de conhecimento do currículo base de catarinense.

Eu fiz uma planinha no Excel também, que tu escolhia qual era a habilidade que tu queria trabalhar e o objeto de conhecimento, já rastreava no currículo qual era as competências, então ele fazia bem o que tu queria e já montava ali.

### **Isso tu disponibilizou para a escola?**

Sim, mas o que eu fiz, porque deu muito trabalho para fazer, eu só fiz a planilha de ciência e natureza, então dependeu de vocês. Porque, sabe que no currículo quando tem aquele... parece um infográfico, cheio de... deu um trem cheio, aquilo lá, coloquei tudo, organizei uma base de dados e fiz ele rastrear os objetos de conhecimento.

### **E sobre os temas sugeridos, os temas de estudos sugeridos e os temas norteadores, como eles eram selecionados e eles tinham alguma perspectiva de localidade? Tipo, abordar temas locais para discutir problemas locais?**

Sim, isso se encontrava nas OPA's, aquela que eu falei agora há pouco. Essas OPA's, elas traziam quais eram os temas e elas não eram, não traziam temas locais, mas a gente depois poderia afunilar para isso. Se tivesse falando de rios, usaria o rio aqui, assim por diante. E agora, em 2022, surgiram os livros do Novo Ensino Médio também e aí, com aquela ideia de continuidade e com o ensino em espiral, então os livros também têm muito desse trabalho por área do conhecimento.

### **Eles foram usados também nos planejamentos, os livros?**

Não, já foi na época que não tinha. Os livros chegaram quando já estavam desandando já, mas eles estavam disponíveis, mas não foram usados. Já estavam desandando esse negócio do planejamento, só tinha uma parte de professores com tempo específico para isso, não foram usados.

### **Com essa questão de trabalhar por área houve mudança na concepção da própria disciplina? Como você disse que teve, que você teve que adequar. Teve mudanças significativas no andamento da disciplina comparado a como acontece agora ou como acontecia antes?**

É a questão mais de você ter que andar junto com as professoras, você passa a não depender só de você mesmo. Por mais que você possa trabalhar o mesmo tema e dar uma acelerada, não ficar igual, mas chega uma hora que você tem que breicar, porque senão fica muito desconexo, e numa escola a gente tem muita, muita coisa, sabe? Não é assim, você está aqui hoje, daqui a pouco tem uma reunião, ou tem uma pessoa que fala sobre um curso, você perde aula, sabe? Ou tem gincanas, tem eventos, tem os feriados, então a gente perde muito, se você não for muito independente daí você se atrasa bastante. Então já é isso, acho que essa é a questão aí.

**Os temas que eram norteadores, que você disse que tinha no OPA, eles eram escolhidos por área ou todas as áreas tinham que adotar o mesmo?**

Não, era por área. Tinha a OPA de física, a OPA de ciência e natureza, a OPA de ciências humanas, linguagens, cada área, e tinha a OPA de PV, projeto de vida também. Mas nos encontros de planejamento coletivo eram planejados aulas, temáticas para as duas unidades ir se alinhando, mas eles também eram planejados alguns projetos que integravam as duas unidades curriculares, por exemplo, um trabalho que valia para as duas, uma nota só que valia para as duas, um trabalho de apresentação ou até mesmo uma exposição.

**Vocês compartilhavam horários de aula também, se necessário?**

Não.

**Tinha alguma atividade de autorreflexão sobre o andamento da unidade curricular, ou a atuação de sala, ou as notas e tal, dentro desse planejamento?**

Durante a reunião de planejamento, a gente sempre fazia uma... uma reunião, uma ação de avaliação e planejamento, AR, que a gente verificava se aquilo que a gente planejou está dando certo, ou se não vai dar certo, porque às vezes dava certo no papel e ali na hora não rodava., ou às vezes dava certo com uma turma e outra não.

**Da forma que o novo ensino médio foi implantado e as atividades que tiveram de planejamento e de adequação até o momento atual, isso colaborou para uma educação mais integral?**

Na ocasião, sim. Na primeira turma. A primeira turma que saiu daqui, que inclusive era em tempo integral também, essa turma saiu assim de um jeito que... porque a equipe que nós tínhamos aqui na época trabalhou muito para dar certo, sabe? Então acho que se todas as escolas tivessem a estrutura que nós pudemos ter, enfim... acho que teria continuado.

Claro que acho que não foi uma questão só de qualidade que eles tiraram. Deve ter sido uma coisa em relação a custos também, não posso julgar, não sei, mas se fosse baseado no resultado que nós tínhamos aqui, eu acho que teria continuado. Mas é um todo, né? Hoje em dia, a gente encontra pessoas que se formaram naquela época com aquele tipo de metodologia e tudo, e eles são pessoas para ver que funcionam, sabe? Mas hoje em dia já é diferente, bem diferente.

**E tem mais alguma coisa que você acha importante deixar, que você acha importante que eu pesquise, que você acha que é pertinente?**

Eu acho que você deveria...o teu título é o que, mesmo?

**É estudo de caso sobre o planejamento pedagógico em escola e ensino médio.**

Então é um estudo de caso mesmo, do que aconteceu aqui, né? De fato, assim, já é de certa forma um histórico, né? Porque já passou, né? Então o novo ensino médio que você está pesquisando é algo que já meio que entrou em extinção, mas eu acho que uma das coisas que você poderia verificar é essa questão de aulas mesmo, porque fez muita diferença, sabe? Muita diferença mesmo, não se tem ideia da diferença que fez você ter uma aula só de física por semana.

**Então tu diz que enquanto tinha o período integral, era melhor?**

É, você tinha duas aulas e podia trabalhar com muitas coisas.

Um dia só tem uma aula, então, você não pode trabalhar em uma área diferente, trabalhar sozinho já é ruim, sabe? Então isso é uma das coisas que você podia encorrer a uma pergunta de número de aulas, eu acho que se tu fuçar nessa questão aí, você vai encontrar muita coisa interessante, a diferença é que está fazendo ter uma aula de física, porque a gente brigava por mais, a gente queria ter mais aulas de física, porque matemática tem mais aulas, sabe? É importante você ter matemática, mas a física também.

## **APÊNDICE C – Entrevista com Prof. 2**

### **Bom, então, há quanto tempo a professora leciona?**

Bom, eu já tenho uma caminhada. Eu comecei a dar aula em 2006, logo que eu terminei o meu mestrado, eu não tinha experiência nenhuma em sala de aula. Eu fiz minha graduação, aí fiz os estágios, aí eu trabalhava em comércio, então, a experiência no estágio era o meu único momento em sala de aula.

Então, em 2006, quando eu terminei o mestrado, daí eu participei de um programa projovem, que eu sou gaúcha, no município de Canoas, e lá era um programa que atendia jovens com vulnerabilidade social, então, era para aqueles alunos que não tinham o ensino fundamental concluído, aí eu, participei, daí 2006, e aí não parei mais, mas isso foi a minha primeira experiência.

### **No ensino médio ou no...?**

Ensino fundamental foi a minha primeira experiência, ensino médio, eu vim para Santa Catarina, em 2009, aí eu tive a experiência com o ensino médio. Eu comecei numa escola, na Darci Franke, e no Duarte Magalhães, como professora ACT, e antes disso, em 2007, peguei um pedacinho de 2006, eu fiz um concurso para professora substituta na Universidade Federal do Rio Grande do Sul, lá eu trabalhei dois anos, então, a minha experiência, eu tive com jovens vulneráveis, depois eu passei para a universidade, e depois eu vim para Santa Catarina, daí que eu conheci a realidade do ensino médio.

### **E quanto tempo tu atuou na instituição Duarte?**

Sim, eu trabalho no Duarte desde 2011. Então, em 2011 eu comecei com o professor a contrato temporário e em 2013 eu fiz o concurso e me efetivei lá, então, no Duarte Magalhães já são 10, 12, 13 anos de Duarte Magalhães.

### **E quanto tempo você está emprestada aqui?**

Aqui, bom, essa escola eu também, eu me efetivei aqui e no Duarte. Na época que eu prestei concurso eu poderia optar por duas disciplinas, então aqui eu era ensino fundamental ciências e lá no Duarte Magalhães a Biologia. Então, aqui eu trabalhei de 2013 a 2018, aí depois eu pedi remoção para outra escola e agora este

ano que eu vim como cargo comissionado, como assessora. Aqui eu fiquei quase cinco anos, aí me afastei e agora retornei.

**Então, tu atua aqui e no Duarte?**

Nessa função que eu estou exercendo eu só posso atuar aqui, mas até o começo do ano eu trabalhava só no Duarte Magalhães, ensino médio.

**Qual curso de formação inicial você realizou?**

O meu curso eu sou formada em Licenciatura Plena em Ciências Biológicas.

**E o mestrado?**

O mestrado eu fiz em Microbiologia Agrícola e do Ambiente, na Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

**E mais alguma outra formação?**

Não, saí da graduação da faculdade e daí já fui no mestrado.

**Qual instituição é isso?**

Na minha graduação eu fiz uma universidade particular, universidade da região da Campanha, Ela até nem tem mais, que é Urcamp, ela faliu, e o mestrado eu fiz na UFRGS, na Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

**Sobre planejamento coletivo, você teve contato com metodologias de planejamento coletivo na sua formação? Tanto em matérias, que os professores trabalhavam em conjunto, ou a parte teórica sobre isso?**

A minha graduação, posso dizer que ela já está bem ultrapassada, eu me formei em 2002, então muito distante, não se via. Eu até costumo comentar com os alunos que, como eu vim de uma instituição particular, de uma cidade do interior, a minha graduação foi como se fosse meu ensino médio, então a gente não teve muitas metodologias, era tudo muito tradicional, a gente era do tempo ainda, o professor deixava o material no Xerox, a gente ia lá, tirava a cópia, os famosos polígrafos, e aí a gente se baseava nessa... então era muito leitura e prática muito pouco, tanto é que no meu estágio que eu fui ter contato, eu trabalhava no comércio

e era diferente do que eu estava estudando, mas essa questão de coletivo, de compartilhado, em nenhum momento a gente teve essa oportunidade na graduação.

**Então você teve uma formação bem tradicional?**

Bem tradicional.

**Participou da atividade de planejamento coletivo lá no Duarte?**

Sim.

**Por quanto tempo?**

Então, nós tivemos essa experiência com o novo ensino médio, que eu acho uma experiência encantadora, a pena que não deu muito certo. Eu realmente me encantei por essa modalidade, até por essa questão do planejamento compartilhado, dos projetos interdisciplinares, e que a gente tinha esse momento de sentar, de ver, de conectar as áreas.

Então assim, com o NEM foram os três anos que a gente começou com as turmas e foi esse nosso único contato, os primeiros, segundos e terceiros, claro que com o primeiro foi muito mais, o primeiro ano, porque daí era novo, então a gente tinha essa questão de estar vinte horas em sala de aula e depois vinte horas para planejar.

**Isso no primeiro ano?**

No primeiro ano, nós ainda do piloto, nós que abraçamos o piloto, a gente continuou com essa... no segundo também, já o terceiro que já deu uma diminuída, mas essa parte de compartilhado foi a melhor coisa que eles poderiam ter ofertado para os professores.

**Da parte da instituição, houve mobilização para facilitar os encontros e para facilitar o próprio planejamento?**

Sim, eram feitos horários, inclusive assim, o começo foi bem... essa questão foi bem criteriosa, bem cuidadosa com relação. Claro que a gente pegou a pandemia nesse nosso começo, então isso também foi bem complicado, mas nós tínhamos uma equipe muito boa, então assim, quando a Rosângela, que foi a nossa gestora

que abraçou essa ideia, ela escolheu os professores, aqueles que tinham vontade de mudança, então já começou por aí, então isso para nós já foi muito bacana.

E aí então veio a questão da pandemia, então a gente já estava assim, a gente queria muito mudar, porque, o que eu vou te dizer, eu sou apaixonada pela educação, eu não me vejo em outro lugar, a não ser sala de aula, então tudo que a gente pode oportunizar, fornecer de coisas novas para os nossos alunos, eu sou parceira, e aí então, com o novo, a Rosângela teve esse cuidado da gente ter um horário, ter momentos, então era tudo assim, os professores das mesmas áreas de conhecimento têm esse momento de encontro.

E claro que também a nossa vontade, porque com a questão da pandemia nós éramos assim, independente, a gente fazia nosso horário, a gente estava conectado direto, era sempre via *meet*, um trocando ideia com o outro, não só da área, mas a gente tinha um grupo de professores muito bons, então isso era uma coisa que a gente gostava muito de estar pesquisando, trazendo coisas novas, que a gente queria que desse certo essa modalidade de ensino médio para os nossos alunos.

**E essa questão que tu comentou que ela selecionou os professores que se interessariam mais, não eram, por exemplo... não eram todos os professores que participavam do treinamento coletivo?**

Não, no primeiro momento ela fez essa abertura, que a escola ia participar de um projeto piloto, quem tivesse interesse que fosse ir atrás. Mas assim ela já deixou bem claro que era coisa nova e que a gente tinha que fazer muita coisa, nós deveríamos então criar e desenvolver, e aí a gente sabe que tem muitos colegas que a questão do tempo, já anos de sala de aula, então já não topavam de cara.

Então assim, lá da nossa escola, o Duarte, foram poucos que abraçaram essa ideia do novo, então, tanto é que a gente tinha matrizes diferentes ali, a gente tinha um grupo que foi matriculado para o novo ensino médio, só que tinham aquelas turmas que estavam em andamento, então muitos professores optaram por continuar com aquelas turmas do tradicional e aí alguns poucos dos efetivos ali da casa que abraçaram o novo, então a maioria eram contratados temporariamente, enquanto não acabava o ciclo daquelas turmas, então por isso que tinha horários, foi bem diferente ali no Duarte, essa questão do piloto.

**Então eram horas-aula remuneradas, essas de planejamento?**

Isso.

**E eram momentos em que todos os professores estivessem livres, todos da área do conhecimento?**

Isso, é. Então, por exemplo, uma coisa bacana do novo ensino médio era as quintas-feiras, claro que tinha um horário específico, as áreas do conhecimento.

Então, por exemplo, tinha os horários de aula e tinha o horário que a gente tinha de planejamento coletivo, por horário. Mas também a gente tinha todas as quintas-feiras à tarde nós tínhamos a possibilidade de encontrar todas as áreas, então ali poderia ser sugerido, poderia ser criado projetos interdisciplinares, que eram reuniões de planejamento. Então além dos horários, por área a gente ainda tinha o coletivo com todos, que eram feitos alguns repasses, bem poucos, e aí depois era para se reunir para suas áreas ou para criar algum projeto que envolvesse mais áreas.

**Havia alguma mediação? Tinha alguém que direcionava?**

Nós tínhamos uma supervisora, a Tamara, inclusive ela veio bem no começo, ela construiu um novo ensino médio para a gente. Então ela tinha essa, apesar que o nosso grupo era muito bom, não precisava de mediação, mas ela tinha essa questão de organização, questão de horário, questão de sala, se a gente precisasse fazer alguma saída de estudo, ela que fazia essa comunicação, então a gente tinha uma supervisora do ensino médio.

**Mas, por exemplo, estando dentro do planejamento com vocês, apontando o tema, direcionando, recolhendo ideias, não?**

Não, nós seguíamos a OPA's, cadernos de orientações, que ali nos davam um leque de possibilidades, cada área com as suas, mas não aquele contato direto, a gente ia por sozinhos, a Tamara era mais essa questão de organizacional mesmo, estrutura, contatos, mais burocrática no caso.

**Durante o tempo que houve o planejamento coletivo, foram sempre os mesmos professores dentro da área de conhecimento de ciências da natureza?**

Então, eu acredito que eu fui privilegiada com isso, porque a gente sabe que teve áreas que não deu certo, teve professores que se mostraram bastante resistentes, porque a gente, professor, é acostumado cada um na sua caixinha, cada um na sua gaveta, e nós, ainda, do ensino médio, a gente é bem egoísta com relação a isso. Na minha aula, eu que mando e ninguém vem a se meter, mas eu fui bem privilegiada, porque eu tive o Prof 1 como meu companheiro, porque ele é da física.

Nós só tivemos um problema, problema não, é que também a química, como a professora estava em processo de remoção ou mudança de cargo, então, dentro da nossa área ali, a química não deu muito certo num primeiro momento, mas aí depois vieram alguns professores ACT's que se mostraram bem receptivos também com a proposta, ainda até inclusive com a saída do Prof 1, porque ele saiu para assessoria nesse período, então veio o professor Gustavo também, que foi muito bacana, muito receptivo com essa proposta de compartilhamento.

### **Mas ele era ACT também.**

Também ACT, mas assim, na área de ciências da natureza, o compartilhamento deu super certo. A gente sabe, por exemplo, humanas lá no Duarte não deu muito certo, linguagens, em algumas partes, também deu muito certo. Fizeram trabalhos muito bacanas, que a gente sabia que os alunos entendiam que tinha um começo, um meio e um final.

Então, por exemplo, a questão da pandemia, trabalhando os cuidados, então, eu na biologia, com uma parte microbiológica, o pessoal da física ali com a questão da dispersão, o pessoal da química com os repelentes. Então, a gente sabe, gostava dessa parte, que os assuntos, na grande maioria, não ficavam soltos, os alunos entendiam o porquê dessas áreas estarem juntas.

Uma pena que a gente sabe que não atinge 100%, na ciência da natureza deu certo. Trabalhamos eu o Prof 1 no primeiro, segundo ano, juntos, no terceiro ele precisou sair, mas veio o Gustavo muito bacana na mesma linha dele. Então, assim, a gente, aos poucos, a nossa deu muito certo.

**É possível organizar hoje alguma atividade de planejamento coletivo entre os professores da mesma área de conhecimento? O que que favorece ou desfavorece essa situação?**

Hoje, do jeito, pensando que não tem hora-atividade, que os professores não precisam cumprir hora-atividade na escola, inviável, impossível, nós mesmo tendo essa possibilidade, em alguns momentos, era bem complicado. Claro que a gente, como eu te disse, a nossa área, eu sou suspeita, eu sou privilegiada, porque se não dava na escola, a gente achava uma maneira de se organizar, então, era via Meet, era WhatsApp, documento compartilhado no drive direto, cada um sabia o que cada um tinha que fazer e por onde andava, então, esse que é o bacana.

Mas hoje, atualmente, inviável, até porque tem essa questão de hora-atividade que não precisa cumprir na escola, essa questão dos professores terem que, em função da carga horária, estarem em várias escolas. Porque quando eu assumi o Novo Ensino Médio, eu abri mão da outra escola para ficar só no Duarte Magalhães, então, também isso facilitou um montão, todos os professores que abraçaram o Novo Ensino Médio deveriam estar como se fosse dedicação exclusiva para o Duarte Magalhães, então, por isso que deu certo. Agora, com essa nossa realidade impossível, para dar certo, deveria ter essa questão de dedicação, ter essa questão de cumprimento de hora-atividade

### **Quais pontos positivos e negativos notados no planejamento coletivo e quais as dificuldades para realizá-lo?**

Então, positivo tem essa questão de troca, que é muito importante, pensando no aprendizado dos alunos, que hoje a gente vê até a questão do livro didático, tem alguns temas que os alunos questionam “para que eu vou estudar isso?” ou, isso eu “já vi lá em tal disciplina”, então, essa questão de troca, ligação, se ter uma sequência, isso é uma coisa positiva, o aluno saber que está estudando em biologia, mas que a química vai ser importante para a biologia e para a física, porque elas são áreas afins, então, isso é positivo, os projetos, eu gosto muito de trabalhar com projetos, então, acho que com o planejamento compartilhado é uma coisa que para projeto é muito bom.

A gestão do tempo também é um fator positivo, aquele momento que tu sabe que o teu colega está abrangendo biomas em geografia, eu não vou precisar estar abordando muitos detalhes que a geografia é importante, então, para o aluno não vai ser maçante, eu pego só a parte de seres vivos, de vida e a geografia, então, acho que essa gestão de tempo é muito importante para os nossos alunos, principalmente do ensino médio, que tem muita coisa para ver.

Eu acho que também a questão de organização é um fator positivo, acho que a escola consegue se organizar e mostrar que os professores estão juntos, para ensinar ali é um fator positivo.

Negativo é a questão de compatibilidade de horário, a aceitação também, porque somos diferentes, cada um tem uma visão, cada um está por um momento na educação, então, isso é um fator negativo. E, dificuldade, acho que também entra essa questão de organizar um espaço também, porque a gente sabe que as escolas não têm a estrutura física, não são adequadas para um planejamento compartilhado, então, nós, por exemplo, lá no ensino médio, a gente pegou a parte da pandemia, cada um estava na sua casa, organizava o seu tempo e o seu espaço, quando nós voltamos para a escola, aonde organizar esse povo? Porque tem áreas, e ainda nós ali no Duarte, a gente tem o laboratório Maker e o Laboratório de Ciências da Natureza, que quando não estava sendo usado, era onde a gente se encontrava.

Então, a maior dificuldade ainda pega essa questão de estrutura, para reunir, porque às vezes, por exemplo, ciências humanas, sociologia, filosofia, história, geografia, são uns professores, a linguagem, então, nós tínhamos sete, oito professores, e aí é onde organizar um espaço para que todos pudessem estar compartilhando, dividindo. Então, a dificuldade mesmo ainda é estrutura, a gente não tem um cantinho para cada área para se encontrar.

**No currículo base catarinense, tem uma série de tópicos sugeridos, temas norteadores, isso era levado em conta na hora de selecionar os... porque os objetos de conhecimento, vocês têm que abordar o que está lá, mas os temas norteadores é de escolha do grupo. Vocês tentavam acatar o que estava lá, ou aqueles sugeridos, ou como que vocês selecionavam quais eram os temas?**

O nosso fator, nosso ponto de partida, era a realidade do momento, o que tinha dentro se tentava abordar, porque são temas muito importantes, mas é o que aqueles temas poderiam estar interligados com a realidade do que o aluno, o que estavam vivenciando naquele momento, então, era esse o nosso ponto de partida, a realidade. Porque às vezes tem temas que não fazem parte do contexto escolar, então a gente partiu disso.

**O livro didático teve influência nos planejamentos?**

Então, o livro também veio com essa proposta, mas ainda ficou desconectado, porque a gente estava num processo de transformação, de transição. A gente veio de um processo onde um livro que abordava tudo, e aí com o novo ensino médio, livros que já trazem as três áreas naquele livro, então, para nós o livro foi, eu particularmente usei poucas vezes esse livro didático,

Com relação a essa questão do planejamento interdisciplinar, a gente partia mais de usar internet, vídeo, podcast com temas, então ainda muitos dos nossos livros têm um padrão pouco desatualizado com relação ao que o novo ensino médio queria da gente. Então, a gente usava muito pouco, mais a questão de exercícios ou a leitura de alguma gravura, mas o texto mesmo...

**Nos encontros de planejamento, além de temas transversais e o planejamento do andamento em conjunto, também eram feitos, por exemplo, planos de aula dedicados, ou atividades que relacionavam duas disciplinas, ou as três?**

Sim, principalmente a gente utilizava envolver as três disciplinas, então, a gente teve alguns momentos em que a gente fazia um cronograma, uma tabela compartilhada onde, por exemplo, eu estou no primeiro um, eu vou começar, o Prof 1 estava no dois, ele também ia começar o mesmo tema, e demais docente no três, o mesmo tema, os três, na primeira aula, estavam abordando o mesmo tema, tratando da mesma sequência didática, cada um na sua parte, cada um na sua parte, exatamente ou, às vezes, se fazia uma introdução para que todos tivessem um geralção, aí batia o sinal para outra turma, a gente já olhava lá na tabela, então, eu parei aqui na 101, o Emerson vai continuar da onde eu parei, para a turma 101, dentro da física.

Então, a gente tinha alguns vários momentos que a gente conseguia fazer isso, um dava sequência, principalmente quando era um trabalho interdisciplinar, um trabalho avaliativo, então, um dava sequência na proposta do outro.

**Vocês faziam trocas de informações no sentido de reflexão sobre o andamento?**

Sim, bastante, e daí a gente volta e sabe, isso aqui não vai dar muito certo, com essa turma não deu muito certo, aí outros já disseram, se a gente fizer assim. então, a gente era muito WhatsApp, era muito recadinho, assim, para dar certo.

**A implantação do novo ensino médio e essas atividades de planejamento que ocorreram colaboraram para alcançar uma educação mais integral?**

Então, a gente gostaria que tivesse essa colaboração, mas eu acho que sim, pensando lá no Duarte Magalhães, a gente teve a proposta, ela foi muito boa, nós tivemos, assim, com êxito os alunos que saíram. Nós começamos com seis turmas e acabamos com três turmas, mas, assim, a gente sabe que a qualidade desses alunos que saíram foram muito boas, então, essa questão de trabalhar em equipe, que a gente trabalhava muito com eles, essa questão de jovens proativos, de terem iniciativa, de trazerem ideias, soluções.

Então, a gente sabe que essa proposta, lá no Duarte, a gente conseguiu atingir, então, a gente vê hoje, assim, muitos dos nossos jovens que não tinham essa perspectiva de universidade, muitos deles foram, muitos, assim, eles relatam que, tipo, “foi feito um trabalho na faculdade e a gente já sabe como fazer”, a participação deles, então, eu acho que, de forma, pra alguns alunos, de forma integral, foi muito positivo esse programa.

**Então, não tem mais possibilidade de voltar a fazer planejamentos, né?**

Nesse nosso estilo, atualmente, ano que vem as aulas e hora-atividades é pra serem cumpridas na escola, parte dela tem essa possibilidade, né? Mas a gente sabe que, se não é uma coisa que parte de instâncias superiores a gente, um andorinha não faz verão, não adianta, tem que partir das autoridades e dizer assim, “não, tem que ter projeto, tem que estudar, né?” Pra as coisas acontecerem, Se deixar, assim, a vontade, a gente sabe que tem professores que vão querer, fazem um esforço, né? Mas aí pega na questão de horário mesmo, de trabalhar em outras escolas, é uma pena.

**Tem mais algum comentário que você quer deixar sobre a questão do planejamento coletivo, do novo estilo médio?**

Eu só acho que é uma coisa que vê que pena que acabou, né? Eu acho que é uma situação que deveria fazer parte, principalmente, com a questão de vocês que estão saindo, né? Das universidades, né? Ter bastante isso em mente, assim, porque hoje em dia a gente tem que trabalhar em equipe, não temos como fugir, né? A questão de gestão de tempo também é uma coisa muito importante e isso, o compartilhado, ele te facilita muito, ele te ajuda muito nisso, né? Essa questão de se

organizar, de um ajudar o outro, né? Eu sinto pena que acabou, né? Mas eu acho que, por exemplo, vocês jovens já têm que saírem da universidade com essa proposta, né? Com esse meio, porque eu acredito que vocês fazem também bastante coisa, trabalhos em equipe, eu não sei como é que o TCC de vocês, é individual.

**Pode ser individual, mas pode ser em equipe também, e a gente tem matérias em que os professores trabalham em equipe também.**

E eu acho que, meu, é o caminho aí, né? Que o aprendizado é muito maior, eu costumo dizer para os alunos que a gente aprende muito mais junto do que sozinho, né? Então eu sou uma pessoa assim que o compartilhado tinha que ser sempre, né? Porque ele faz a diferença na vida dos alunos, na nossa vida, né? Eu aprendi muito com esse compartilhado, eu estava numa fase da minha vida que há muito tempo na educação, né? E eu já estava assim, meu, o que que eu vou fazer porque já não estou achando graça, né? Então veio o ensino médio para nos desafiar porque muita coisa a gente teve que construir, porque eles lançaram os temas, lançaram as disciplinas, né? Por exemplo, tinha a PIP, projeto de iniciação à pesquisa, nós nem tínhamos laboratório naquela época, né? É projeto de intervenção, de intervir aonde, né? Então muito a gente teve que correr atrás, montar a ementa daquela disciplina, mas eu acho que foi muito bom, para os alunos que participaram dessa modalidade, eu acredito que valeu muito a pena.

Eu acho que a gente fez a diferença assim, né? Desses poucos, porque eles foram debandando para outras escolas em função do trabalho, né? Mas os que ficaram, a gente sabe que saíram bem, né? Muitas habilidades foram bem trabalhadas.